

EU LEIO ELE LE NÓS ESCREVEMOS O FUTURO

2º CONCURSO LITERÁRIO DIVINA 2019
ENSINO FUNDAMENTAL I – 5º ANO



50 ANOS
Escola Divina
Providência
TRANSFORMANDO GERAÇÕES
1969-2019

**Escola Divina
Providência**
www.divina.com.br



EDITAL



EDITAL

CONCURSO LITERÁRIO “EU LEIO, ELE LÊ, NÓS ESCREVEMOS O FUTURO”

TEMA: De que forma as práticas de tolerância a toda e qualquer diversidade representam exercício de cidadania e contribuem para consolidação da democracia?

Da organização

O Concurso literário “Eu leio, ele lê, nós escrevemos o futuro” é uma realização da Escola Divina Providência - Ensino Fundamental I- na disciplina de Língua Portuguesa (5ºanos), para o encerramento do Projeto Virtudes: Contrastes.

Da realização

O concurso será realizado no terceiro trimestre letivo de 2019.

Dos objetivos

- Incentivar a expressão da criatividade e ampliar os conhecimentos linguísticos;
- Reconhecer os talentos;
- Despertar nos estudantes o interesse pela ética e cidadania, além de promover a reflexão e o debate sobre esses temas no ambiente escolar;
- Possibilitar a participação dos pais/responsáveis nas práticas pedagógicas;
- Estimular a participação da família como primeira fonte referencial de leitura/escrita;
- Encerrar o Projeto Virtudes 2019 e o segmento do Ensino Fundamental I.

Das categorias

As redações deverão ser inéditas nas seguintes categorias:

CATEGORIA ALUNO (5ºano)

Gênero: Carta

ESCREVA UMA CARTA PARA O FUTURO E DESCREVA COMO CONTRIBUIU PARA UMA SOCIEDADE MELHOR.

As redações apresentadas deverão ser cartas argumentativas inéditas.

As redações devem ser apresentadas em forma de carta alinhada ao padrão internacional, ou seja, conter os três componentes de base de uma carta: data, fórmulas de cortesia e de saudações e assinatura/pseudônimo.

As redações devem ser escritas em língua portuguesa, relacionadas estritamente ao tema fixado e conter no máximo 02 laudas.

Sobre o gênero textual

“A Carta Argumentativa é um tipo de texto que tem como objeto principal persuadir o leitor.

Nesse sentido, a argumentação é sua principal arma de convencimento, de forma que o emissor (escritor), através do seu ponto de vista, tenta convencer o receptor (leitor) sobre determinado assunto.

Trata-se, portanto, de um texto dissertativo-argumentativo que possui peculiaridades em sua produção, posto que apresenta um receptor ou receptores específicos para o qual se dirige.

Assim, vale frisar que a principal característica do gênero textual “carta” é justamente a existência de um emissor (remetente) e de um receptor (destinatário).

A linguagem utilizada pode ser formal ou informal, dependendo da relação entre os interlocutores. Por exemplo: um amigo (informal) e o prefeito (formal).

Embora a expansão da internet e dos meios de comunicação tenha criado outras formas de interação (e-mail, redes sociais, etc.), a carta enviada pelo Correio ainda é um recurso comunicativo muito importante.

Características

As principais características da carta argumentativa são:

- Persuasão e argumentação
- Linguagem clara e objetiva
- Geralmente escrita em 1ª pessoa
- Presença de destinatário e remetente
- Uso de pronomes de tratamento
- Assinatura do escritor (locutor)

Estrutura

Embora seja um texto dissertativo-argumentativo (com estrutura básica de introdução, desenvolvimento e conclusão), a estrutura da Carta Argumentativa inclui ainda outros momentos:

Local e Data: Primeiramente, coloca-se o nome da cidade (local) em que se encontra o emissor e a data em que está sendo produzida. Essa parte é também chamada de cabeçalho. Ex.: Jundiá, 22 de agosto de 2018

Nome do Receptor: Na linha seguinte ao cabeçalho, do lado esquerdo, deve ser colocado o nome da pessoa ou do órgão a quem se destina a carta.

Saudação Inicial: Dependendo da formalidade, utilizamos determinadas saudações iniciais (vocativos). Representam as formas de tratamento como: prezado (ou caro), senhor ou senhora, excelentíssimo, digníssimo, dentre outros.

Introdução: A introdução deve conter o tema principal da carta. Assim, deve apresentar o assunto que será abordado durante todo o texto, bem como a intenção do autor em produzir a carta.

Desenvolvimento: Já que se trata de um texto argumentativo, nesse momento as argumentações e os pontos de vista deverão ser explorados, de forma a convencer o leitor.

Conclusão: Trata-se da parte final do texto, que apresenta o arremate das ideias expostas na introdução e no desenvolvimento. Em outras palavras, é uma síntese dos principais argumentos, que traz uma proposta, recomendação ou sugestão.

Despedida: É a saudação final que colocará fim ao seu texto. Por exemplos: “Atenciosamente,”, se for formal, ou “Beijos e abraços,”, de maneira informal.

Nome do Emissor: No final da Carta, aparece o nome e a assinatura de quem a produziu”.

<https://www.todamateria.com.br/carta-argumentativa/> Adaptado.

CATEGORIA PAIS (somente os pais/responsáveis dos alunos do 5ºano)

Gênero: Relato pessoal

COM BASE NA SUA EXPERIÊNCIA DE VIDA, RELATE UM MOMENTO EM QUE EXERCEU CORRETAMENTE SEU PAPEL NA SOCIEDADE E AS CONSEQUÊNCIAS DESSA AÇÃO.

Desenvolva sua redação em forma de relato pessoal, de acordo com o tema central do concurso.

Sobre o gênero textual

Relato pessoal é um texto narrado com fatos marcantes da vida de quem escreve, o narrador — protagonista da ação —; assim, verbos e pronomes estarão predominantemente em 1ª pessoa. Rico em emoção e subjetividade, apresenta tempo e espaço bem marcados. O narrador lança mão da descrição para caracterizar as pessoas, os lugares e os objetos segundo suas lembranças.

<https://escritoefalado.originaleexclusivo.com.br/o-que-e-relato-pessoal/>

Das inscrições

As inscrições são gratuitas e os procedimentos para sua efetivação são os seguintes:

Período de inscrição: 17/06/2019 até 18/08/2019, impreterivelmente.

As inscrições devem ser efetuadas apenas via internet;

Cada participante poderá inscrever uma única obra inédita;

A redação não poderá conter qualquer identificação pessoal do candidato. O texto deverá ter apenas o título da redação e o pseudônimo do autor;

A Comissão Organizadora encaminhará apenas a redação para a Comissão Julgadora;

Não serão aceitos trabalhos enviados após o término do prazo previsto (18 de agosto);

A redação deverá ser encaminhada para o e-mail: concursoliterario@divina.com.br;

Especificações:

LETRA	ARIAL
TAMANHO	11
ESPAÇAMENTO	1,5
COR DA FONTE	PRETO
TAMANHO	Máximo 2 laudas
ARQUIVO DEVERÁ SER SALVO EM	WORD

Do envio dos trabalhos

A redação deverá ser encaminhada por e-mail como ANEXO.

No ASSUNTO do e-mail anotar: “Concurso literário 2019/ Categoria: _____”.

O CORPO do e-mail deverá conter os dados do autor, conforme categoria:

CATEGORIA ALUNO (A)	CATEGORIA PAIS/ RESPONSÁVEIS
Nome completo	Nome completo
Turma a que pertence (5ºA, 5ºC ou 5ºD)	Responsável pelo(a) aluno(a): Turma do(a) aluno(a):
Pseudônimo	Pseudônimo

§ No intuito de garantir o sigilo sobre a autoria da obra, e evitar qualquer interferência no julgamento por parte dos membros da Comissão Julgadora, o autor não colocará seu próprio nome na obra, mas um PSEUDÔNIMO.

Do julgamento dos trabalhos

As redações serão avaliadas por uma Comissão Julgadora, a ser designada pela Diretora Maria Elisabeth C. Saraiva Ladeira. Será composta por cinco membros especialistas na área da Educação e Literatura. As professoras de Língua Portuguesa dos 5ºanos não poderão fazer parte dessa Comissão.

Para garantir a privacidade dos membros da Comissão, os nomes serão revelados somente na ocasião da divulgação do resultado final.

Caberá à Comissão Julgadora avaliar os textos, proclamar os vencedores e impugnar as redações que não se enquadrarem nas condições estipuladas no presente edital.

Os autores das redações validadas pelo nosso sistema, automaticamente, permitirão publicá-las integralmente em meios de comunicação, autorizando, assim, o direito de uso de impressão e de imagens dos inscritos, sem ônus.

Dos critérios de avaliação

A Comissão Julgadora atribuirá notas baseadas em critérios pré-definidos que considerem a qualidade literária do texto, a saber:

CRITÉRIO	ANÁLISE E JULGAMENTO	PONTUAÇÃO mínima- máxima
CRIATIVIDADE	Originalidade do título	4-10
	Originalidade da redação	4-10
	Estilo	4-10
	Convite à reflexão	4-10
	Estimulo ao pensamento crítico e cidadão	4-10
	Adequação ao gênero textual	4-10
COMUNICABILIDADE	Ortografia	4-10
	Clareza e objetividade	4-10
	Coesão	4-10
	Coerência	4-10
TOTAL	Cada item avaliado nos critérios acima, vale- rão de 4-10 pontos.	100

Em caso de empate, os critérios adicionais seguirão nesta ordem:

Obra com maior número de palavras;

Autor com data de nascimento mais antiga.

§ Não serão aceitas obras que façam proselitismo ou sectarismo religioso ou político, apologia à segregação racial ou homofóbica, ofensa a líderes religiosos ou políticos, defesa do uso de drogas, indução à violência, ao crime, à contravenção e à corrupção. Não serão aceitas obras cujo conteúdo seja considerado ofensivo aos direitos humanos e dos animais.

Da seleção e coletânea

Todas as redações validadas farão parte da Coletânea do concurso e todos os participantes receberão certificado de participação.

Serão selecionadas as três melhores produções textuais de cada período (manhã e tarde) e categoria para introduzir a obra. As demais redações serão inseridas em ordem alfabética (nome do autor).

A coletânea, a priori, será disponibilizada na versão digital.

Da premiação e sessão solene

Aos vencedores das três melhores redações de cada categoria do período (manhã/tarde) será concedido:

Categoria ALUNO (A) (matutino)

1º colocado: Certificado e vale presente da livraria Saraiva, no valor de R\$ 150,00.

2º colocado: Certificado e vale presente da livraria Saraiva, no valor de R\$ 100,00.

3º colocado: Certificado e vale presente da livraria Saraiva, no valor de R\$ 50,00.

Categoria ALUNO (A) (vespertino)

1º colocado: Certificado e vale presente da livraria Saraiva, no valor de R\$ 150,00.

2º colocado: Certificado e vale presente da livraria Saraiva, no valor de R\$ 100,00.

3º colocado: Certificado e vale presente da livraria Saraiva, no valor de R\$ 50,00.

III. Categoria PAIS/RESPONSÁVEIS (matutino)

1º colocado: Certificado e vale presente do restaurante Maremonti, no valor de R\$ 180,00.

2º colocado: Certificado e vale presente do restaurante Maremonti, no valor de R\$ 150,00.

3º colocado: Certificado e vale presente do restaurante Maremonti, no valor de R\$ 100,00.

IV. Categoria PAIS/RESPONSÁVEIS (vespertino)

1º colocado: Certificado e vale presente do restaurante Maremonti, no valor de R\$ 180,00.

2º colocado: Certificado e vale presente do restaurante Maremonti, no valor de R\$ 150,00.

3º colocado: Certificado e vale presente do restaurante Maremonti, no valor de R\$ 100,00.

Os pais/responsáveis vencedores do concurso, serão avisados três dias antes da cerimônia de premiação, que acontecerá no dia 12/09/2019, em local e horário a serem divulgados oportunamente.

Das disposições gerais

Os casos omissos no presente Regulamento serão resolvidos pela Comissão Organizadora, cuja decisão será soberana;

Serão soberanas as decisões da Comissão Julgadora quanto à análise e classificação das obras, não cabendo recurso.

Serão eliminadas as redações que não estiverem de acordo com o presente edital;

O ato de inscrição no concurso implica total concordância com as normas aqui expressas.

Cronograma

Inscrições	De 03 de junho até 18 de agosto
Julgamento	De 19 de agosto a 06 de setembro
Premiação	12 de setembro

Informações

As dúvidas referentes ao Concurso literário deverão ser encaminhadas SOMENTE para o e-mail concursoliterario@divina.com.br.

“A justiça não consiste em ser neutro entre o certo e o errado, mas em descobrir o certo e sustentá-lo, onde quer que ele se encontre”.

Theodore Roosevelt

DIRETORA

Maria Elizabeth Coelho Saraiva Ladeira

DIRETORA FINANCEIRA

Maria Diva Teixeira Coelho Saraiva

COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA FUNDAMENTAL

ANOS INICIAIS

Eliana Marques Silveira

ORGANIZAÇÃO

PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA- 5º ANOS

Daniela Botti

COMISSÃO JULGADORA

Julio César Garcia

Marina Garcia

Marina Garcia de Oliveira

Renata Argento

COLABORADORES

DEPARTAMENTO MARKETING

Beatriz Shiomí Stella

João Maurício Saraiva Ladeira

Patrícia dos Santos G. R. Menegassi

PARTICIPANTES

CATEGORIA PAIS/RESPONSÁVEIS

Alessandra Roberta Moraes De Marchi

Ana Raquel Sannazzaro Trombini

Andréa Maria Bilecki Albiero

André Tenório Teixeira

Carolina Bastos da Silva

Claudia Celina Gomes de Jesus

Claudia Maria Dias Rodrigues Orsi

Fernanda Camargo

Fernanda Servantes Munhoz Teixeira

Karina Pompeu de Lima

Leni Nussio Vassalo

Luciano Bizarro

Natalia Santos Rossi Cagnani

Paulo André Céó Rosa

Reinaldo Eliseu Giordano Gomes

Rubens Júnior da Silva

Suzimeire Boton Bardi

Yaci Martinho

Valter Massao Shimidu

Vanessa Andreuccetti

CATEGORIA ALUNOS

Ana Júlia Ferreira Bighetto
Anna Beatriz Pizzi Tanaka
Anna Isa Albarello M. Cerachiani
Anna Kei Godoy Shimidu
Arthur Mourão
Beatriz Carvalho Bizarro
Beatriz Oliva
Caio Rossi Cagnani
Carolina de Oliveira Vassalo
Cedric Martin Rossi
Clara Margalef Ardito
Claudio Oliveira da Silva Filho
Dora Bilecki Albiero
Eduardo Masson Guimarães
Felipe Amorim Ferranti
Francisco De Marchi Miqueletto
Gabriel de Andrade Pereira
Gabriel Rodrigues Orsi
Gabriela Figueiredo Petinice
Gabrielly Vitória da Silva
Guilherme Silva Camasso
Gustavo Murin Ramos Feitosa
Helena Sannazzaro Trombini
Igor Figueiredo Vilhena
Isabelli Omissolo Silva
Jihad Haidar Agnello Taha
Joana Boton Bardi
João Galvão Benevenga
João Tomás Aoki
João Vitor Margatho Alcides
Júlia De Marchi
Julia Gomes de Jesus
Lara Barbin Aluani
Laura Zidan Corrêa
Lincoln Janota Antunes
Lucas Coelho Cesar Franco
Lucas Faria Sakae
Lucas Reynaldo
Luísa Modesto de Figueiredo
Manuela Chaddad Vancine Califani
Manuella Simohara Mingarelli
Maria Antônia Micelli Bianco
Maria Vitória Fiorini
Mariana da Cunha Gaspari
Mariana Pinto Gomes
Marina Maria de Camargo
Marina Olivieri de Simone
Mateus Henrique Gracioso Carecho
Matheus Santana Ludke
Maysa Audreuccetti
Moema Portela Da Costa
Murilo Costa Corrêa Leite
Nicolas Uzun G.N. Dias
Pedro Benez Maxnuck
Rachel Ramacho Lago
Renata Bastos Peixoto da Silva
Sofia Marcon Zavarizi
Sophia Cunha Sartori Coelho
Tainá Albuquerque Moraes
Thiago Munhoz Teixeira
Thiago Pompeu Lima
Tiago Lorenzi Scarparo



CATEGORIA PAIS



1º LUGAR

MANHÃ

KARINA POMPEU DE LIMA

Um sonho de transformar a realidade

Deveria ser apenas mais um dia de escola e de afazeres triviais na vida de uma criança. Mas minha mãe havia chegado mais cedo para me buscar e isso me fez compreender que algo estava fora da rotina.

Chovia contínua e melancolicamente, gotas delicadas que deslizavam pelo parabrisa do carro, enquanto nos dirigíamos com pressa para a casa onde vivia a família da minha querida babá, na periferia da cidade onde desfrutei os anos mais tenros da minha vida. Ela já estava uma senhora bem idosa, de saúde frágil e havia adoecido gravemente.

Saindo do nosso bairro, era possível observar como nossa cidade havia crescido de maneira tão desigual. De um lado, casas e apartamentos bonitos e que encantavam a vista. De outro, um pouco mais adiante, pobreza e sujeira que fariam muitos desviarem o olhar.

Era a primeira vez que eu saía da zona desenvolvida da minha cidade e a imagem destroçada me comoveu. Naquele subúrbio, pessoas dormiam na rua, comiam migalhas e restos, gemendo baixinho ao estenderem a mão em busca de uma esmola. Não havia ninguém para ampará-los, sequer lhes passar a mão na cabeça e dizer que tudo ficaria bem, como faziam comigo todas as vezes em que me encontrei desolada.

Seguindo um pouco mais adiante no meio de todo essa aridez, pudemos encontrar a casa onde se encontrava a família da minha babá, silenciosa e resiliente, como se lhe fosse natural essa situação que me parecia tão devastadora. Ali, eu me deparei com algo que estava errado. Não havia ninguém para cuidar daqueles desvalidos.

Quando terminamos essa visita, ainda peneirava aquele mesmo chuvisco. Fiquei aliviada ao pensar que minha mãe não poderia, assim, perceber as discretas lágrimas que molhavam minha face. Naquela tarde, eu decidi que precisaria transformar o mundo de alguma forma.

Vários anos se passaram. A vida juvenil e, posteriormente, adulta, com todos os seus empenhos e responsabilidades no trabalho e na família, dispersou-me, por um período, daquele meu propósito pueril, inocente. Aquela lembrança dos necessitados, antes tão aturdida e eloquente, estava se dissipando diante da fatalidade do cotidiano.

Até que foi possível reencontrar uma renovada face daquela quimera em uma empresa onde trabalhava. Ela lançara um projeto de ajuda e estímulo à Organizações Não Governamentais sérias que quisessem participar e se adequassem às regras de um edital que seria lançado.

Era uma grande oportunidade de ajudar uma ONG que eu conhecia e admirava sua administração. Mas era também um enorme desafio. Apoiando essa instituição com o projeto da empresa, seria possível, talvez não transformar completamente a vida de várias crianças e jovens, mas dar esperança e perspectiva de um futuro melhor. Com o dinheiro do projeto, seria lançado um estúdio de fotografia, no qual os alunos aprenderiam um ofício que pudesse lhes ajudar como profissão no futuro, bem como lhes desenvolveria um olhar sobre a realidade que os cercava.

Antes de melhorar qualquer situação, precisamos primeiramente apreciá-la, por um novo ângulo, para conseguirmos identificar problemas que antes não éramos capazes de enxergar, por estarmos imersos ou emaranhados no seu contexto. Se passamos, por exemplo, todos os dias por uma rua repleta de lixo, ficamos insensíveis e esquecemos que lá já fora limpo e repleto de harmonia. Desse modo, afeiçoamo-nos a contemplar a injustiça humana, acostumados a entendê-la ou classificá-la, mas não fazer nada para atenuá-la.

Eu havia descoberto, naquele dia cinza e chuvoso da infância, que há, na pobreza, uma certa sombra de desânimo. Com a oficina de fotografia, poderíamos, juntos, iluminar e projetar uma nova realidade, na qual as crianças e jovens são protagonistas de um mundo novo, com espaço e oportunidades para todos.

Foram meses de empenho para todos os envolvidos. Mas a certeza de fazer a coisa certa superava o cansaço em cada obstáculo. Ao final do período, o projeto foi um dos vencedores do concurso e o estúdio recebeu os recursos necessários! A comunidade onde a oficina foi instalada não é aquela que eu tanto quis ajudar, quando vislumbrei a miséria pela primeira vez. A oficina, na verdade, está a mais de 3000 km de distância do local onde a família da babá ainda vive.

Contudo, no mais profundo do meu âmago, posso sentir que essa experiência, de algum modo, chegará lá um dia. Enquanto isso, seguimos sempre na tentativa de varrer a poeira da alma, aquela que se acumula quando nos acomodamos. É ela quem nos impede de enxergar quem está perto e precisa, muitas vezes, apenas de um pequeno gesto de amor.

Karina Pompeu de Lima

Pseudônimo: Maria Vieira de Farias

2º LUGAR

MANHÃ

PAULO ANDRÉ CÉO ROSA

Um dia quase qualquer...

Estava eu neste dia quase qualquer, sem grandes expectativas com relação às possíveis novidades. Era verão, o sol estava para lá de brilhante e cheio de energia. Eu, um tanto quanto sonolento. Lembro que era domingo e aos domingos costuma-se ir à missa e depois passear no parque. Opa, um instante, isto era na minha infância. Nosso pai era religiosamente preciso quanto ao domingo. Éramos acordados bem cedo com um barulho irritante e alegre das músicas do padre Zezinho. Pulávamos da cama e corríamos para colocar aquela roupa nova e tomar café à mesa com as iguarias que só aos domingos podíamos saborear. Lembro-me do bolinho de chuva e também dos sonhos que a minha mãe fazia as sextas e deixava na lata sobre o armário. Dentro deste sonho, banhado no açúcar, tinha um pequeno pedaço de goiabada. Com a barriga cheia saíamos a pé até a Igreja de São Francisco de Assis. No caminho encontrávamos com outros amigos e a festa estava armada até a porta da Igreja.

Lá era tudo legal! As freiras nos recebiam com aquele sorriso e o tal de “bom dia e Deus te abençoe”. O padre era bem velho e celebrava a missa no balão de ar, pois ele não tinha uma boa respiração. Eu e meus irmãos sentávamos nos primeiros bancos e o padre falava conosco. Era um papo interessante sobre as coisas certas e erradas. Ele falava bem de pertinho e nos sentíamos importantes. Bons tempos aqueles e tenho saudade da velha infância. Mas não é precisamente dela que eu quero falar e sim do “domingo quase qualquer”.

Mil desculpas ao leitor desavisado, sou um tanto quanto prolixo no quesito lembranças, pois é quase impossível escrevê-las quando veem à memória. Mas vamos lá, vou contar sobre aquele domingo fatídico.

Era um “domingo quase qualquer”. Eu, padre, tinha várias missas para celebrar. Entro na sacristia e ouço os auxiliares reclamando do calor, do ventilador que não estava funcionando, do som que estava alto e um senhor que não estava muito bem, sentado no fundo da igreja. Meus ouvidos captavam todos os sons, mas minha alma não decodificava nenhum deles. Preparava-me para entrar. Ritual todo pronto e sequencial, seria rápido e somaria mais uma missa como tantas que celebrava (celebro) aos domingos. O Evangelho foi sobre os talentos. Não lembro ao certo sobre o que falei, mas deveria ser algo como aproveitar nossos talentos e não enterrá-los sem dar fruto.

Passamos por todos os ritos; entrada, glória, leitura, homilia e assim segui tudo sob um controle preciso e mecânico do dia quase qualquer. Mas tem coisas que não podemos explicar. E confesso que o cara lá de cima deve ficar de saco cheio das nossas mesmices. Sei lá, algo bate na água mansa da nossa vida e gera um pouco de turbulência, pois as águas calmas sempre são as mais perigosas. E neste dia foi a minha água que passou de mansa e quase estática, para um água agitada por toda a vida até este momento que vos escrevo.

A comunhão chegou, eu e os auxiliares nos posicionamos para entregar a tão desejada hóstia santa. Éramos como os guardiões daquele sabor, não como minha mãe que guardava a lata de sonhos sobre o armário, mas sim como os que se julgavam únicos capazes de comer. Engraçado, que semelhança estranha o sonho com a eucaristia! Mas agora me faz todo sentido, pois os dois são delícias confeccionadas com muito amor. Um adoça o paladar da criança e faz com que ela se lembre que as coisas boas são para serem partilhadas, o outro alenta a alma e deve ser partilhado da mesma forma.

Música de comunhão, ministros apostos e os fiéis em fila caminhando lentamente até o maná abençoado. Um exercício de fraternidade e partilha. Um momento em que comungamos o Sagrado Corpo de Cristo e nos tornamos Ele. O ápice momento da santa missa. Eu, um jovem padre comandando toda aquela orquestra de símbolos e gestos. A fila foi se esvaziando e os auxiliares se retirando um a um, num ato solene. Percebi que estava próximo ao fim, sem saber que apenas estava começando a minha saga. Aquele homem ao fundo da igreja estava causando tumulto diante de um dos auxiliares. O outro chegou ao meu ouvido e disse: “está embriagado e mal cheiroso”. Respon-di: Deixa vir até mim... Não sabia de nada, santa inocência a minha. Foi exatamente naquele mo-mento em que percebi que algo iria abalar minhas entranhas. O homem se direcionou, aprumou e caminhou em minha direção. Eu, o “chefe de todo o rito”, não poderia deixar a igreja, espantada com tamanha ousadia, em dúvida do que era certo e errado. Em uma fração de segundos percebi todos olhando para mim esperando uma única postura, pois na igreja não é lugar para bêbado e mal cheiroso. Lá é o encontro da família, das pessoas de bem e o que estava sendo dado era o Cristo, hóstia santa que não poderia entrar em um corpo tomado pelo pecado. Não titubeei, ele se aproxi-mou. Eu me mantive ereto, firme. Ele abriu a boca. Eu levantei a hóstia santa e perguntei para mi-nha infeliz arrogância. “Você sabe o que é isto? Ele respondeu:” Sim Padre sei!!! Este é o Cristo Jesus, o único aqui capaz de me acolher e curar meu coração. Ele não olha minha aparência, senhor padre, e sim meu coração que precisa dele neste momento”.

Silêncio... O homem comungou, saiu e foi sentar-se no fundo da igreja! Eu envergonhado voltei para o meu lugar no altar. A música de pós-comunhão começou a tocar e naquele momento percebi que Deus tocou na minha alma. Ali percebi que não era melhor que aquele senhor. Que as aparências “enganam” e que nada pode ser como um dia qualquer, pois os dias não são iguais e a nossa vida é muito curta para fazer dela uma rotina desgastante e sem perceber os toques de Deus.

Hoje, escrevo este relato para que meus filhos percebam o quanto a vida adulta nos distancia da verdadeira vida. Que a alegria da infância não pode se perder, pois sempre haverá dias para se-rem lembrados.

Filhos, papai ama muito cada um de vocês e torce para que cresçam com a sabedoria de Deus.

Paulo André Céo Rosa/ Pseudônimo: Padre

3º LUGAR

MANHÃ

SUZIMEIRE BOTON BARDI

Recompensas da Vida

Sou de origem simples. Meus pais nasceram na área rural no interior de São Paulo, em meio as plantações de café, criação de galinhas, roupas lavadas no rio. Meu pai estudou até o ensino médio e eu já era nascida quando isso aconteceu. Minha mãe cursou até a 4ª série. Eles se casaram cedo e em busca de uma vida melhor foram morar na cidade “grande”, sem conhecer nada, o que tinham era o início de uma nova vida juntos e alguns parentes que já estavam por lá e poderiam auxiliá-los.

Logo vieram os filhos, porque naquela época era assim. Primeiro meu irmão e cinco anos depois eu. Nesse momento meus pais já tinham comprado um terreno e estavam construindo o nosso lar, com a ajuda de familiares e amigos, aos poucos para que fosse possível deixar tudo pago, sem dívidas.

Meus pais tinham um sonho que era formar os filhos na faculdade, não tinha ninguém na família ou que eles conhecessem que era formado, mas eles sabiam que isso era importante e poderia nos dar mais chances na vida.

Esse sonho nasceu gravado no “chip” do meu irmão e graças a sua curiosidade e esperteza ele encontrou alternativas para que isso acontecesse. Meu pai não tinha dinheiro para pagar boas escolas particulares. Depois do ginásio na escola pública do bairro, éramos bons alunos e fizemos 4 meses de cursinho, prestamos vestibular e passamos no colégio técnico federal e depois fomos para as universidades estaduais, ambos fizemos engenharia, ele elétrica, e eu civil. Imagina a alegria e o alívio dos nossos pais, quando eu me formei.

Comecei a trabalhar, como trainee, em uma grande empresa de engenharia. Fui designada para uma obra em Jundiaí que estava no início e eu teria oportunidade de acompanhar todas as fases de uma construção.

Quando cheguei tive um baque, pois eu era a única mulher trabalhando na obra, recém formada e ia controlar a produtividade dos equipamentos de terraplenagem, portanto eu teria que dizer ao gerente da obra, meu chefe imediato, se tudo estava indo bem ou não, como se estivesse “dedurando” ou avaliando os trabalhadores. Imaginem como fui recebida. Eu tinha que ficar ao lado de grandes equipamentos medindo o tempo do trabalho, fazia relatórios e reuniões com os encarregados e supervisores sobre os seus resultados.

Nos primeiros dias foi assustador, pois todos ficavam me olhando e torcendo para que eu caísse nos buracos cheios de lama, e algumas vezes eu caí, me levantava, não olhava para os lados e saía andando como se nada tivesse acontecido. Eu ia até as

frentes de trabalho para falar com o encarregado e ele dizia que não poderia descer do andaime de 10 metros de altura, então era melhor que eu subisse. Eu nunca tinha subido em uma escada marinheiro de um andaime, que balançava com o vento, apesar de todas as travas de segurança instaladas.

Eu caí nas poças de lama, subi nos andaimes, tomei sol e chuva, fiquei horas esperando os encarregados para as nossas reuniões, fui aos churrascos da obra e quando me aproximava deles utilizava tudo que aprendi em casa. Dava bom dia, boa tarde, perguntava como estava o dia de trabalho, se a família estava bem, pedia para eles me ensinarem como era feito a atividade, a quanto tempo eles faziam aquilo, enfim, encontrei meios de me aproximar deles com humildade, respeito e admiração pela dedicação ao trabalho árduo que eles executavam.

Com o tempo percebi que os encarregados tinham dificuldade de entender os relatórios de produtividade que eu apresentava, eles sabiam fazer contas, mas não interpretar dados. Fiz um plano de treinamento sobre os relatórios onde detalhava cada informação utilizando uma linguagem simples e repetia quantas vezes fosse necessário, porém havia uma limitação pedagógica, a maioria não tinha feito nem até a quarta série. Próximo passo, incentivá-los a voltar aos estudos, porém a desculpa deles era sempre a mesma: “.....essa vida de obra, cada dia em um lugar, não é possível estudar.....isso não é pra gente.....” e eu dizia: “Vai fazendo de pouquinho em pouquinho, onde dá. Eu sei que é difícil, mas é importante para você e como exemplo para seus filhos. Tenho certeza que você consegue!”.

Os anos passaram e eu fui trabalhar no corporativo da empresa onde minha missão era visitar regularmente as obras de norte a sul para acompanhar a implantação do sistema de gestão. Um dia, eu estava no escritório e meu telefone tocou, era o J. M. D., o Zezinho, um encarregado querido dos tempos de Jundiaí. Eu perguntei: “Tudo bem? Em qual obra você está trabalhando? Como vai a família?” E ele “Tudo bem, quero te convidar para minha formatura no ensino médio, gostaria que você fosse minha madrinha, afinal graças as nossas conversas que eu consegui de pouquinho em pouquinho estudar nas cidades desse país de meu Deus por onde passei.”

E eu, sem palavras, chorei de emoção....pela gratidão do Zezinho a minha singela contribuição, pela sua humildade, força e determinação.

Por mais pessoas como ele nesse mundo! Por mais respeito e consideração as pessoas simples e sem estudo! Por mais humanidade entre os humanos!

Suzimeire Boton Bardi

Pseudônimo: Lua

1º LUGAR

TARDE

RUBENS JÚNIOR DA SILVA

O Natal da Vitória

Cresci em Jundiaí, em um bairro simples, afastado do centro da cidade e durante muito tempo sem asfalto nas ruas, ainda assim era evidente em minha cabeça que nossa família era privilegiada diante da realidade de outros vizinhos, nossa casa era própria e nunca faltou comida na mesa, infelizmente essa não era a realidade da maioria das crianças que jogavam futebol ou brincavam de pega-pega comigo em nossa rua.

Era um bairro de operários, em sua grande maioria migrantes nordestinos que deixavam a seca tentando a sorte na industrialização paulista dos anos 1980, em minha rua, cinco casas a direita da minha existia uma espécie de cortiço onde moravam mais de 15 famílias, cada uma delas tinha um espaço privativo de um quarto e uma cozinha, existiam dois banheiros que eram compartilhados por todos. Eu e minha irmã entrávamos e saíamos daquele ambiente o tempo todo, assim como as crianças que ali moravam também eram bem-vindas em nossa casa, não existiam perigos, inseguranças, eram pessoas muito honestas e davam a melhor educação possível para seus pequenos.

Muito tempo depois, já adulto, eu pude refletir e entender como aquela convivência foi importante para a formação do meu caráter, eu vi a pobreza de perto, vi pessoas que precisavam de uma doação de um saco de arroz ou feijão para colocar comida na mesa na última semana do mês, mas também vi que eram pessoas iguais a mim, seus filhos estudavam na mesma escola que eu, os conflitos familiares eram iguais os da minha casa e o amor entre pais e filhos eram iguaizinhos ao que sentíamos em minha família.

A vida seguiu, estudei, trabalhei, casei, tive filhos e a condição financeira também melhorou bastante, meus filhos não têm o privilégio dessa convivência e eu mesmo também perdi há tempos o contato real e diário com essa realidade. Apesar de ser impactado a todo momento com ações ou movimentos de assistência a pessoas carentes, sempre ajudei apenas financeiramente, de maneira fria, sem conhecer os rostos ou histórias das pessoas que estava ajudando. Penso muito em organizar, trabalhar ou ajudar em um projeto de educação, mas sempre postergo, alegando falta de tempo.

Finalmente no último ano, fiz uma coisa que me deixou pleno e realizado como há muito tempo não me sentia. Todos os finais de ano, juntamos dinheiro em um grupo de amigos para comprar presentes para crianças carentes e o destino eram sempre instituições ou comunidades de igreja que faziam essa distribuição, só que dessa vez foi diferente.

Enchemos oito carros com bolas, bonecas, carrinhos e outros brinquedos e nos dirigimos até o Parque Vitória, periferia de Franco da Rocha, onde entramos nas ruas de

terra do lugar, tocando um sino igual ao do Papai Noel e entregando os presentes. De dentro de casas pequenas e ainda em construção saiam crianças como formigas de um formigueiro, elas tinham todas as idades, bebês ainda de fraldas ou pré-adolescentes, negros em sua grande maioria, confirmando a triste realidade do país, todas felizes e empolgadas com seus presentes, mal sabiam que quem ganhava o presente real naquele dia éramos eu e meus amigos, emocionados, agradecidos e nos perguntando o que fazer para conseguir ajudar mais, o que fazer para tirá-los daquela situação, o que fazer para que o dinheiro arrecadado para ajudar justamente os mais pobres, cheguem realmente até eles.

Aquele dia me fez voltar a minha infância, me fez refletir se eu educo meus filhos da maneira correta, me deu vontade de fazer muito mais pelos outros. Naquele momento, ao ver o garoto pobre, com roupas rasgadas sair correndo com uma bola na mão para mostrar o presente para a mãe eu tive a certeza que não era apenas o Natal feliz do Parque Vitória, era na verdade o Natal da minha vitória.

Rubens Júnior da Silva

Pseudônimo: Ângelo Roveri

2º LUGAR

TARDE

CLÁUDIA CELINA GOMES DE JESUS

Passando pelo Funil

O vento soprava forte lá fora e uma nuvem carregada, anunciava “chuva de montão”. Era manhã de quinta feira, inverno em uma pequena cidade do interior de Minas.

A modesta casa estava silenciosa, quando resolvi verificar... Pela janela, uma cena me chamou a atenção. Minha Mãezinha, que ainda era jovem, estava debruçada sobre uma fogueira. No primeiro momento me pareceu sim, uma fogueira, criança ainda... tinha lá meus 11 anos. Soltei aquele UAI, quase que irresistível e perguntei a mim mesma, por que minha Mãe estaria fazendo uma fogueira. Aproximei-me e pude entender o que estava acontecendo. Havíamos ficado sem gás e não era uma fogueira, era um fogão improvisado com tijolos velhos alinhados e empilhados, e sobre ele uma panela de pressão.

Percebi pelos olhos, que ela tinha chorado. Afastei-me sem nenhum comentário e algo mudou dentro de mim naquele instante. Aquela cena, eu nunca mais esqueci.

Todos os dias, eu pensava o que poderia fazer para que nunca mais isso acontecesse. Mas eu era apenas uma criança! Aquele pensamento não saía de mim. Minha mente de criança, não entendia o que me incomodava, mas tudo aquilo que eu havia aprendido com meus Pais até aquele momento, parece ter se manifestado em um sentimento de necessidade de atitude.

Aos poucos a clareza foi tomando conta dos meus pensamentos e a percepção da ação correta me envolveu como quem não tem outro caminho a percorrer. Com o peito explodindo de alegria, entendi que eu poderia mudar as nossas Histórias, e melhor poderia começar agora, ainda criança.

Naquele dia, saí mais cedo de casa, pois queria começar logo... Corri para a Escola. Eu iria estudar e estudar, e continuar estudando até que tivesse autonomia para mudar aquele cenário que magoou a minha Mãe. Não estava preocupada com o episódio isolado, mas hoje eu sei que o contexto me preocupava.

Ao chegar na escola, eu procurei um professor específico. Sabe àqueles professores que mudam a história do aluno? Mas ele não estava para me ouvir. Tocou o sinal e iniciou a primeira aula. O tema da discussão era “A Escola Pública e o funil para a faculdade”. Era minha realidade, como uma aluna de escola pública, poderia chegar a uma faculdade? A palestra terminou, meus olhos brilhavam com aquele grande desafio. Eu estava determinada a percorrer aquele caminho até o fim. Parecia que tudo cooperava para acentuar meu foco.

Finalmente encontrei meu professor de biologia. Correndo para Ele, como criança que eu era, disse que tinha decidido “passar pelo funil”. Ele me olhou com olhar de quem acredita e disse: “Quando passar pelo funil, lembre-se de onde veio e nunca perca o brilho nos olhos ao olhar para o outro”.

Os anos foram passando e estas palavras fortaleceram minha trajetória baseada em foco e determinação. Processos seletivos vieram e foram me agraciando com bolsas de estudo do ensino médio até o cursinho e finalmente atravessei o funil!

Depois de mim, a trajetória dos meus irmãos foi garantida pelo poder aquisitivo que o estudo me proporcionou.

Eu continuo caminhando, salvando vidas, mudando vidas e me lembrando de manter o brilho nos olhos ao olhar para o outro. Quanto a minha Mãe? Eu a mantive longe da “fogueira”, como havia prometido à mim mesma.

Cláudia Celina Gomes de Jesus

Pseudônimo: Tatá de Franco

3^o LUGAR

TARDE

NATALIA SANTOS ROSSI CAGNANI

A xepa da Dona Lourdes

Era sexta-feira e como de costume, dia de ir à feira. Sempre por volta das 12 horas, no famoso horário da xepa, onde tudo o que, minutos depois pode ir direto para o lixo, é vendido por um preço muito mais acessível. Bingo! Você evita o desperdício e ainda economiza alguns valiosos reais.

Apesar da tal selva de pedras, onde eu e minha família morávamos, estava um dia lindo, um céu azul típico de outono e fazia um calor danado. Talvez fosse o efeito estufa dando o ar de sua (des)graça.

Peguei minhas duas sacolas de tecido, já cansadas de tantas sextas-feiras na feira e saí de casa para deixar meu filho na escola.

No caminho, enquanto eu subia de carro uma das tantas ladeiras do bairro, vi uma senhora cair, estatelada no chão. Como uma fruta caindo do pé. Assim, paf. Em dois milésimos de segundo, puxei o freio de mão, liguei o pisca alerta, desci voando do carro e corri para ajudá-la. Com receio de ter acontecido alguma coisa mais grave, perguntei a senhora se estava sentindo alguma dor e se conseguia levantar. Ela disse que conseguia. Ufa! Então ajudei-a a se virar e sentar.

Aquela pele fininha própria da idade avançada, não conseguiu segurar o ralado no nariz e na bochecha. Calça rasgada e conseqüentemente, joelho esfolado. Ela estava atordoada, assustada e aflita.

Logo vi que mais uma pessoa largou o carro no meio da rua e desceu para ajudar. O porteiro do prédio onde foi a queda também apareceu, junto com um funcionário da loja de moto em frente que trazia água. Conseguimos todos levantar aquela frágil senhorinha, magrinha e pequenina que só ela.

Chegou mais uma pessoa que a conhecia e se ofereceu para levá-la pra casa e assim terminar os cuidados no conforto de sua casinha, que estava há poucos metros dali. Fiquei feliz em ver que cinco pessoas pararam o que estavam fazendo naquele momento para ajudar Dona Lourdes. Coração em paz por ter sido uma dessas pessoas.

Eu não teria feito diferente. Fui embora com as pernas bamba seguindo meu caminho pra feira. Acabou a xepa.

Natalia Santos Rossi Cagnani

Pseudônimo: Ana Maria Coutinho



CATEGORIA ALUNO



1º LUGAR

MANHÃ

BEATRIZ CARVALHO BIZARRO

Jundiaí, 18 de junho de 2019

Ao Departamento do Futuro do Planeta – DFP

Caro Futuro,

Não sei se fiz coisas grandiosas, se ajudei a levar a paz ao mundo, ou acabei com a corrupção...Se tiver feito, deve me conhecer por Katiness.

Recentemente, tenho tido muitos pesadelos, torço para que não se concretizem. Meu amigo, por favor, reserve coisas melhores para a humanidade, algo diferente do que previ. Não posso nem pensar no nosso planeta em chamas, há violência em cada esquina... Três palavras que resumem esse caos são: guerra, desrespeito e intolerância.

Em 2019, já vemos rios poluídos, miséria, testes de bombas atômicas, armas biológicas, nações que se odeiam há décadas. Os governantes têm que entender que se houver uma guerra, milhões de vidas serão destruídas, e aí eu te pergunto, valeu mesmo a pena?

Felizmente é possível reverter esse triste cenário, a esperança está em pessoas como eu, nas crianças.

Para começar a mudança, podemos escolher o menor grupo social em que vivemos, no meu caso, a escola. Se eu fizer pequenas, porém, boas ações, como por exemplo: ajudar alguém a atravessar a rua, respeitar os meus colegas, não discriminar ninguém pela sua nacionalidade, ou pelo seu tom de pele, eu posso servir de inspiração para que meus amigos façam o mesmo e assim, os bons atos se espalham como um vírus do bem.

Caso eu não tenha entrado para a história e não estiver viva quando estas palavras chegarem até você, espero pelo menos que alguém tenha conseguido tirar o planeta e as pessoas desse beco (que por hora parece ser) sem saída. Sei que essa carta passará de mão em mão, pois escrevo para você - o nosso Futuro – mas, quando receber esse texto, será mais conhecido como o Presente, e seu filho será então o Futuro, e assim seguirá até o fim dos tempos, ou desta carta.

PS: Cuide bem dos meus tataranetos e claro, da humanidade também!!!

Com esperança no coração.

Beatriz Carvalho Bizarro

Pseudônimo: Katiness

2º LUGAR
MANHÃ

SOPHIA CUNHA SARTORI COELHO

Céu, algum dia, de algum mês da eternidade

Olá Futuro,

Eu criei os humanos para serem minha imagem e semelhança, mas estou ficando decepcionado... Eles estão poluindo o planeta, sendo egoístas, preconceituosos, matando seus semelhantes, desmatando florestas, maltratando algumas espécies de animais e extinguindo-as.

Não podemos esquecer que existem seres humanos gentis, amorosos, cooperativos, meigos, proativos, honestos, empáticos, solidários, generosos, trabalhadores, educados, confiáveis, carinhosos, capazes e inteligentes. Quem dera todos fossem assim...

Ah! Futuro, eu poderia resolver tudo em um piscar de olhos, mas dei o livre arbítrio a eles, espero que quando você vier, a humanidade saiba usar a liberdade dada por mim e seja como planejei. Eles terão mais tecnologia, com isso, poderão fazer coisas extraordinariamente impressionantes, como: reflorestar a Terra, dar vida a animais que já foram extintos, viajar para outros planetas, produzir menos lixo, fazer automóveis menos poluentes, robôs e máquinas que possam ajudar no dia a dia.

Quero que os humanos recordem de tudo de ruim que aconteceu no passado como: guerras, conflitos, poluição e não persistam nos seus erros. Espero que pensem em meus ensinamentos e sejam pessoas melhores. Só assim a humanidade irá evoluir e parar de se distrair com bobagens como: corrupção, preconceito, inveja, fake news, pirataria, desigualdade social e tantas outras as coisas bobas.

Espero que você chegue logo, pois eu apenas criei os seres humanos, mas não respondo pelos seus atos. Tudo que eu disse só depende da sua união com os humanos e não de mim.

Ainda tem tempo para consertar o mundo para as próximas gerações, mas lembre-se que ele não é eterno, assim como tudo nessa vida.

Que a humanidade reflita com a sua chegada.

Pseudônimo: O Criador

Sophia Cunha Sartori Coelho

3º LUGAR
MANHÃ

Manuela Chaddad Vancine Califani

Jundiaí, 17 de setembro de 2019

Olá querido Futuro!

Tem algumas coisinhas que eu gostaria de te dizer. Antes de começarmos a falar sobre o assunto desta carta. Eu não sei em que ano você está lendo esta mensagem, mas eu estou escrevendo com dez anos. Já posso ser sua bisavó, tataravó ou já estar no céu, bom, só o tempo dirá, né? Agora vamos ao que interessa.

Com minha idade já consigo entender que o mundo está sofrendo faz muito tempo. Quando eu crescer vou assumir as escolas do meu pai, e abrir duas escolas para ajudar a população mais pobre de São Paulo. Os pais dos alunos dessas duas escolas não terão que pagar nada.

Hoje em dia estão tendo muitos problemas no mundo, como a corrupção, a violência, a discriminação, o desmatamento, o problema do lixo nas ruas, o tráfico, o comércio ilegal, a desigualdade social e muitos outros. Eu quero tentar resolver o que eu puder, para deixar o mundo sem tantos problemas.

Existem cerca de 7,7 bilhões de pessoas no mundo, e os cientistas estimam que em 2100 a população mundial pode chegar a 11,2 bilhões. Por que eu falei sobre isso? A resposta pode estar bem na sua frente. Se o mundo continuar desse jeito os seres vivos podem nem existir mais em 2090.

Eu já fiz algumas ações para mudar o mundo, e uma delas foi quando eu ia para a sapataria buscar meu sapato e um homem pediu para eu e minha mãe comprarmos um lanche para ele. Nós falamos para o moço esperar uns dez minutinhos e depois fomos a uma padaria para comprar alguma coisa para ele comer. Em quanto voltávamos para casa eu me senti muito bem. Eu desde pequena dou roupas, brinquedos, toalhas e muitas outras coisas.

Eu sempre me senti bem ajudando os outros. Uma frase que eu gosto e combina bem com esse assunto é: "Nunca é cedo demais para nos transformarmos no melhor que podemos ser".

Futuro, só peço que espalhe esta mensagem, e que entenda que com pequenas ações se muda o mundo.

Muito obrigada por me ouvir.

Beijos,

Manuela Chaddad Vancine Califane

Pseudônimo: Arquivo Secreto

1º LUGAR

TARDE

JOÃO VITOR MARGATHO ALCIDES

República Democrática do Congo, 30 de setembro de 2008

Oi Futuro,

Antes de eu nascer, vocês viviam de preconceito e em um mundo muito cruel, mas desde que, às margens de um pequeno riacho, meu corpo veio à luz, trouxe comigo o clarão de uma nova era. Gostaria, assim, de contar-lhe a minha história:

Cresci em uma família de fazendeiros. Eles viviam em uma fazenda no meio das montanhas. Para um menino africano de 2 anos, isso era incrível, pois eu tinha a liberdade de correr, escalar e nadar. Eu nunca me cansava de brincar... Até que, em uma noite, eu acordei com um estranho barulho no celeiro. Olhei pela janela e vi um ladrão armado e os meus pais na mira do revólver que o furtador apontava. Em um piscar de olhos, os vi irem deste mundo... Chorei muito. Prantei junto ao meu irmão de 9 anos, que agora era meu único parente vivo. Sempre pensava: “para quê tanta violência e tanto ódio?”. Mesmo com tantas coisas ruins que presenciei, nunca deixei de ajudar os animais feridos que encontrava no campo ou alguma pessoa que precisasse de mim...

Quando completei 6 anos tive que começar a trabalhar em uma sapataria local. Meu salário era uma miséria, vivia em condições escassas, sofria castigos físicos e aguentei as sofridas 19 horas de trabalho por dia... Eu tinha um sonho: ser um escritor, mas isso nunca aconteceria naquela época, pois toda camada rica da população mundial tinha preconceito com os pobres e camponeses, achavam que eram de outra raça. Mesmo com todo o preconceito, eu mantinha a chama daquele sonho em meu espírito e também incentivava os outros garotos a terem e a acreditarem em seus sonhos. Queria poder provar que um filho do campo, órfão e africano podia ser uma pessoa bem-sucedida na vida e podia servir de exemplo para outros jovens.

Com 15 anos fui para a escola. Tinha que me esconder dos donos da sapataria, pois se me pegassem, eu me dava mal mesmo, pois eles não permitiam o estudo. Quando comecei a estudar entendi que o que eu fazia na sapataria não era um trabalho; eu e as outras crianças éramos escravizadas. Depois de 3 meses do meu décimo sexto aniversário meu irmão faleceu. Pensei em desistir de tudo e quase cometi suicídio... Eu não podia desistir! Precisava mostrar com palavras o que essas crianças passam para sobreviver e acabar com esta história de tanto preconceito com as pessoas pobres e tanto benefícios para os ricos, afinal, somos todos humanos e iguais.

Quando os donos da sapataria descobriram que eu estava estudando aumentaram meu trabalho para 22 horas por dia. Agora, tinha apenas duas horas para dormir e descansar e não podia mais ir à escola escondido.

Um dia, um novo menino apareceu para trabalhar na sapataria. Ele vinha do Cazaquistão e tinha estudado e concluído os estudos. Então, começou a nos dar aulas. Ficamos muito felizes. Este novo amigo tinha uma história muito bonita. Apesar de perder toda sua família na guerra que o seu país enfrentava, não perdia o sorriso no rosto.

Começamos a bolar um plano para fugir daquele terrível estabelecimento. Tínhamos um esquadrão de 15 meninos. Saímos quando os patrões pegaram no sono, tivemos que passar pelo cachorro que era gigante e agressivo, para ele demos um osso que pegamos na cozinha e depois corremos pelo mato que escondia a fazenda na floresta. Enfim estávamos livres para realizarmos nossos sonhos!

Às 7 horas da manhã do outro dia, estava como um clandestino escondido na parte de carga de um trem para Itália, onde finalmente realizaria o meu sonho de mostrar ao mundo o que acontecia em meu país. Existiam milhares desses estabelecimentos que exploravam o trabalho infantil.

Chegando na Itália, só tinha um caderno, um lápis e um sonho. Fiquei alojado embaixo de uma ponte por 3 semanas, comendo restos de comida e bebendo água do rio. Para sobreviver, apenas escrevia. Finalmente terminei o meu livro, que contava todos os abusos sofridos por mim e pelas crianças nas sapatarias do Congo, mas como mostraria meu livro às editoras? Provavelmente não aceitariam ler o texto de um mendigo africano. Porém, eu já tinha vencido tantas lutas e chegado tão longe, eu não iria desistir naquele momento. Fiquei como um andarilho pela Itália, atrás de alguém que se interessasse pelo meu livro, até que depois de quatro meses andando, achei, enfim, uma editora em Milão que aceitou publicar meu livro. Eles amaram a minha história. Em apenas um mês, toda a Europa e África já sabiam o que aquelas crianças passavam, mais de 17 mil donos de sapatarias foram presos e mais de 50 mil crianças libertadas. Por ter acreditado neste sonho e feito ele acontecer, sofri alguns atentados por parte dos que abusavam destas crianças, mas nada se comparava a felicidade dos jovens que retiram das condições precárias que um dia também tanto me machucaram.

Finalizo esta carta agradecendo a todos os que me ajudaram a realizar este sonho de ajudar tantas pessoas e gostaria que nunca esquecessem da minha história, que mostra que não podemos desistir de ajudar uns aos outros, mesmo quando parecer impossível, pois o poder da fé e da bondade conseguem tudo.

Não desistam de seus sonhos!

Um abraço!

João Vitor Margatho Alcides
Pseudônimo: Natarajhy Rashyma

2º LUGAR

TARDE

MOEMA PORTELA DA COSTA

Fortaleza, 08 de junho de 2018

Olá Futuro,

Sou Maya. Vou contar a minha história. Tinha nove anos quando tudo começou. Hoje tenho 24 e, desde pequena, toda vez que íamos à praia, eu e meu pai fazíamos competição de quem coletava mais lixo reciclável. Com tudo esse material sem valor para muita gente, nós criávamos algum brinquedo que depois de pronto doávamos para pessoas carentes. Eram brinquedos lindos e que despertava a criatividade.

No começo achava que tudo era somente uma competição de quem pegava mais materiais indesejados e a pessoa que tinha uma ótima criatividade de criar um objeto legal, mas agora sei que a coleta de lixo na praia ajuda muito a sobrevivência marinha e quando doamos brinquedos, damos a felicidade para crianças.

Normalmente é o meu pai quem entrega os objetos legais para a caridade, mas teve um ano em que fui eu e minha mãe entregar porque o meu pai estava trabalhando muito, em outros projetos. Fiz o sorteio do presente e uma criança fofinha ganhou. Dei o brinquedo para ela e sua alegria contagiou o lugar e meu coração. Quando saí de lá, lembro que fiquei pensativa e decidi que quando crescesse, eu criaria uma campanha no Brasil: o do recolhimento de lixo na praia para criar brinquedos que seriam vendidos à baixo custo ou doados para crianças interessadas.

Tinha contado a ideia para os meus pais, eles gostaram, mas acharam que não daria certo, pois algo impedia que as pessoas pensassem assim porque em suas cabeças achavam que animais são só bichos que não fariam diferenças se fossem mortos pelo lixo praieiro e nem imaginam que toda essa “sujeira” poderia ser aproveitado se fosse reciclado. Eles imaginam que gente sem condições deveriam se virar com que possuem, mesmo tendo uma vida sem graça. Que mania chata do humano de enxergar só a si mesmo e esquecer o universo ao redor, o que é triste porque isso gera uma desigualdade social gigantesca e um péssimo mundo.

Quando cresci dei continuidade a campanha modificando seu nome e me empolguei em fazer um movimento público: O Mudo e Você. Ele atraiu muita gente que pensava como eu e que gostariam de mudar a Terra. Um governante entrou para o nosso grupo e adorou a ideia, ele compartilhou o grupo para todo o país. Ficamos famosos, mas quando doamos milhões de reais para pessoas necessitadas o universo inteiro sabia que nós existíamos.

Mas não era bem o que eu queria pois demos mais palestras do que ajudamos humanos que precisam e todo lugar que passamos éramos entrevistados e com tantos jornalistas fazendo perguntas não tivemos progresso.

Todos estávamos decididos que o grupo iria acabar, quando íamos anunciar que o Mundo e você não iria mais existir, olhei para trás e vi um rosto conhecido. Ela estava com uma boneca na mão. Reconheci e lembrei que era a menina que tinha sido sorteada naquele dia na caridade e a boneca tinha sido feita por mim. Mudei de ideia, mas não conseguí convencer os outros, então o grupo acabou.

Comecei a lembrar das minhas metas para você, Futuro. Quando percebi que tudo

começou com um simples gesto de recolher lixo na praia e doar brinquedos recicláveis que não iríamos usar e agora todos nos adoram por causas das nossas doações generosas. Eu consegui chegar aonde eu queria, mas algo ainda me incomoda, acho que é a corrupção, o preconceito, a desigualdade social, as guerras, o roubo e a poluição. Tudo isso precisa ser trabalhado agora para quando você estiver aqui, termos encontrado um novo jeito de se viver. Tomara que todas as coisas ruins desapareçam, formando o mundo um lugar melhor.

Para que você, Futuro, seja um ótimo parceiro à maioria dos humanos. Espero que eles tenham: espírito ganha-ganha, proatividade, operatividade, bondade, lealdade, sem desigualdade, sem racismo, amizade e sabedoria em suas escolhas. Isso é o que esperamos de você e o que vamos fazer.

Com esperança

Moema Portela da Costa
Pseudônimo: Maya

3º LUGAR

TARDE

PEDRO BENEZ MAXNUCK

Olá Sr. Futuro,

Nós temos muitas coisas para resolver. O “nós” é eu, você e a população.

Eu criei a terra para as pessoas conseguirem sobreviver. Vocês têm como enxergar, se movimentar, sentir cheiros e o mais importante: sentir emoções. Mas aparenta que vocês não estão conseguindo cuidar de vocês adequadamente. Existem soluções, mas vocês não as utilizam.

Vocês estão produzindo mais lixo do que é possível se livrar. A solução seria reciclar, mas parece que para vocês vale mais a pena jogar o lixo em mares ou oceanos, e isso acaba com as espécies marinhas. Se as espécies marinhas entrarem em extinção, vocês ficarão sem vários alimentos e produtos que são produzidos com eles.

Falando sobre fabricação, ela também afeta o seu planeta. A maioria das fabricas produzem gases quentes e tóxicos, o que faz muito mal para vocês.

Pois é, a NASA, Elon Musk e outros estão planejando em levar a população para Marte com foguetes. Realmente, é uma solução radical demais, mas é uma das únicas soluções.

Falando em transportes, o que transporte que vocês utilizam contém um motor a gasolina, que produz muita fumaça. Isso causa um superaquecimento e isso mata muitos animais que necessitam de uma temperatura especifica para sobreviver. A gasolina também um gás que poluí o ar, o que piora ainda mais a situação. A solução seria carros movidos à energia elétrica (que foi por exemplo a solução que por exemplo Paris e outros lugares optou), só que eles são muito caros e ainda estão em desenvolvimento.

Com o superaquecimento e o ar poluído muitos animais morrem, incluindo, vocês e os insetos. É como o Albert Einstein disse: se todas as abelhas morrerem, a humanidade terá apenas mais 4 anos de vida.

Todos os problemas que eu citei tem soluções, mas vocês acham que tem uma solução melhor para todos os problemas: as guerras. Vocês acham que se algum país, estado, cidade ou qualquer grupo de pessoas com uma opinião diferente da sua é mais fácil criar uma guerra para decidir qual opinião é a certa. Esse é o maior problema. As pessoas hoje em dia tem medo de sair de casa, pois mesmo não envolvidas na guerra, elas podem estar no local em que a guerra está acontecendo. Vocês dever parar de tentar um subir em cima do outro para apenas ver qual opinião está certa, o que acontece hoje em dia nas eleições. O mundo deveria estar mais pacífico. Sem as guerras todos os problemas poderiam ser resolvidos com mais facilidade.

Hoje, vocês só pensam em vocês, pensando que apenas vocês estão certos, que vocês tem a opinião política certa, etc. Vocês tem que olhar ao seu redor e ver o que está acontecendo. Não adianta ficar falando mal do que as pessoas fazem com o seu planeta sem você ajudar o planeta. Não utilize canudos de plástico, copos descartáveis, talheres descartáveis, recicle o lixo, economize água, cuide do seu planeta.

Bem, eu apenas pude criar o planeta de vocês. Eu não posso mudar o destino de vocês, mas você pode.

Eu espero que essa carta sirva de lição para o mundo ser melhor no futuro

Obrigado

Pedro Benez Maxnuck

Pseudônimo: Alma Escritora

